

# VÍNCULO E CONTATO NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA

Valdo Almeida<sup>1</sup>

## 1 - Os Laços Afetivos no *Setting* Terapêutico

Quando escutamos as palavras laço ou vínculo, nos sentimos atraídos pelo tema e logo nos vem a idéia de poder verificar, amiúde, o que acontece dentro do *setting* terapêutico quando se favorece a relação de confiança na psicoterapia, e o crescimento deste contato que, aos poucos, vai dando uma forma, um eixo, uma organização para o cliente. Acreditamos que, ao se estabelecer uma relação de confiança, estamos promovendo a liberdade de soltura e desprendimento, não só para quem pede ajuda, mas também para o psicoterapeuta, que pode acompanhá-lo numa escuta afetiva com o coração e com a alma. Nessa interação, o terapeuta pode criar um campo, positivo, em direção a construção dos laços necessários para o processo de reparação e segurança na relação ali se estruturando, e que, certamente, nos levará à um ponto de referência marcado como numa particularidade emocional, física e/ou moral deste indivíduo que pede ajuda.

## 2 – A Confiança Básica e Criatividade

Uma pessoa que busca a terapia, está escolhendo sobretudo confiar em alguém que seja capaz de ouvi-la sem o julgamento, sem a crítica, sem a censura. Existe um outro lá, e com esse outro ela pode contar. Portanto, o desejo é de encontrar um espaço tranquilo e de confiança, que possa lhe servir de base para se estruturar uma relação de vínculo afetivo, a partir de uma necessidade básica em poder confiar, sem nenhum receio de que vai ser invadido ou sofrer algum dano. Neste sentido, a criança aprende a confiar no outro,

---

<sup>1</sup> Bacharel, Licenciado e Psicólogo, graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Especialista em Psicoterapia Somática em Biossíntese (IFB/IIBS-Switzerland), Sênior Trainer em Biossíntese, Diretor e Coordenador da Formação Internacional em Biossíntese-IFB/IBB-Natal/RN, Psicoterapeuta em Biossíntese. CRP 17-0274 / Email: valdo\_almeida@hotmail.com.br

a partir dos primeiros contatos com a mãe que atende as necessidades do bebê, segundo Winnicott (1983, p 81), numa experiência de devotamento, que ele chama de “preocupação materna primária”, é o espaço em que o bebê cria a ilusão de que a mãe, como mãe-ambiente, é parte de si que vai atender suas necessidades indicadas por seus gestos, essas são as circunstâncias fundamentais à origem da confiança no ambiente e requisitos para o desenvolvimento de uma vida criativa. Entendendo ainda sobre a confiança básica e criatividade, Winnicott (2005) diz que “a criatividade é algo que pertence a experiência infantil”:

“A criatividade é, portanto, a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil; a capacidade de criar o mundo. Para o bebê, isso não é difícil; se a mãe for capaz de se adaptar às necessidades do bebê, ele não vai perceber o fato de que o mundo estava lá antes que ele tivesse sido concebido ou concebesse o mundo. O princípio da realidade é o fato da existência do mundo, independentemente de o bebê tê-lo criado ou não” (p 24).

O contato com o cliente é a chave condutora para se vincular ao processo criativo da terapia, e pode se dar de tal forma que garanta uma segurança eficaz, se construindo neste lugar de acolhimento e presença, em poder olhar com tranquilidade o que lhe atormenta, lhe incomoda ou lhe tira o eixo. Quando Boadella (1982) fala de Projeção e Introjeção (em “Transferência, Ressonância e Interferência”) afirma em se “construir uma ponte” e segue dizendo que: “é uma ponte que se estabelece na relação e sobre a qual é possível caminhar”, mais na frente diz ainda: “se o terapeuta é capaz de perceber as necessidades do núcleo do cliente, há um reconhecimento mútuo e a potencialidade de um pode ajudar a do outro, como duas chamas” (p 103).

Gilberto Safra (2005) quando fala da “ação ao gesto” diz que “é por meio dessas capacidades que o indivíduo cria o mundo e o transforma” (p 97). Safra está dizendo que

a ação e o gesto dar existência ao ser humano e que “o fundamento da criatividade humana se encontra na capacidade de agir” (p 97). Esta é uma relação que podemos fazer entre “perceber as necessidades do núcleo do cliente” e a “ação que cria o gesto” como possibilidades criativas no *setting* terapêutico. Trazemos Winnicott (1970) com o conceito de “Espaço Potencial”, onde o brincar se desenvolve e o objeto transicional vai perdendo seu valor e significado para a criança, nascendo aí a possibilidade de vivência da criatividade com o desenvolvimento de suas potencialidades criativas. Também citado por Boadella (p 103) explicando que o “Espaço Potencial é aquele no qual duas pessoas atuam criativamente”. O cliente em direção ao terapeuta procura promover um encontro que possa favorecer o contato com a própria existência, com o próprio *self*, e Safra (2005) coloca que “a possibilidade de ação cria a mãe, o *self*, o gesto e o mundo do bebê” (p 98). Madeleine Davis (1982), cita Winnicott (1971) quando fala de “apercepção criativa”:

“É no brincar, e tão somente no brincar, que a criança ou o adulto é capaz de ser criativo e de usar toda a personalidade, e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu ... (self) Vinculado a este fato temos o fato de que somente no brincar a comunicação é possível: exceto a comunicação direta (fundir-se) que pertence à psicopatologia ou a um extremo de imaturidade” (p 79).

Neste sentido, vincular-se também está no lugar da brincadeira e do brincar, promovendo uma significativa e produtiva comunicação, onde as relações possíveis vão sedimentar os afetos advindos dessa construção egóica, constituída na infância.

### **3 – Transferência e Contratransferência: Uma Forma de Vínculo e Conexão**

A tentativa de compreender melhor o que o cliente traz à psicoterapia, fomenta um desejo e uma vontade de poder ajudar, de uma maneira mais eficaz, despertando o interesse de não perder o fio que conduz à elaboração de um elo que liga toda a história

do cliente mobilizado para entrar neste processo de conhecimento pessoal, a partir do fato que o levou à terapia, provavelmente um conflito que não consegue ter saída ou solução. São questões não resolvidas, não compreendidas e impressas no corpo, ao longo da própria vida que, certamente, exigem o cuidado profissional, não menos humano, desse lugar ocupado por ambos. Pichon-Rivière, na Teoria do Vínculo (1998), fala dos papéis que o terapeuta e o cliente assumem na estruturação do vínculo:

“Os conceitos de papel e vínculo são dois conceitos que se misturam muito. Uma terapia orientada nesse sentido deve estudar a estrutura do vínculo e os diversos papéis que o terapeuta e o paciente se atribuem e assumem nessa situação, como repetição de uma situação passada. Isso quer dizer que na situação do vínculo sempre se inclui o papel. A compreensão do outro em termos de papel nos proporciona uma possibilidade para poder entrar na situação e compreendê-la” (p 64).

Talvez aqui possamos entender o lugar da transferência e contratransferência, conceitos da psicanálise, trazidas por D. Boadella (1982) num novo jeito de compreensão destes conceitos:

“Mas a essência da transferência é que essa distorção reflete a história de remotos padrões de interferência. Em outras palavras, o mesmo padrão interferente é o projetado no novo relacionamento e distorce-o. A diferença que ocorre na terapia é que o padrão de interferência, em si, torna-se o foco da consciência e, se o terapeuta trabalha a transferência, utilizará a interferência para conhecer o que interfere. Se está conhecendo o que interfere em si mesmo, está trabalhando com sua própria contratransferência, buscando transpô-la. Se está conhecendo o que interfere no cliente e se o cliente está conhecendo o que interfere nele, está conhecendo sua transferência e transpondo-a. Transpor a transferência leva a um outro padrão de ressonância” (p. 86).

Nessa dialética funcional da relação vincular está a essência somática da transferência e contratransferência, num diálogo presente todo tempo, do não conhecido, e projetado pelo

inconsciente como manifestações de processos relacionais registrados no passado e atualizados pela história no corpo, que se apresentam em formas e padrões rudimentares, mas, trazidos no processo psicoterapêutico com mais requinte e intensidade. Segundo Keleman (1996), “a experiência passada de cada um, concretizada na sua estrutura e processo corporais presentes, molda a sua vinculação contemporânea” (p 77). É uma forma de existir na relação que pede o cuidado, a atenção, o olhar, a presença, sempre num desejo de ser compreendido, ser atendido e ser amado na sua essência original, que lhe devolva a natureza espontânea que lhe confere à vida.

No contato e vínculo com o terapeuta se repete uma dinâmica que traz elementos de experiências não assimiladas e nem tão pouco digeridas pelo cliente, que se sedimentaram interrompendo seu fluxo natural e restringindo a capacidade de responder aos diversos acontecimentos do dia-a-dia impedindo o livre desenvolvimento da sua existência, ou seja há uma quebra da integração nos campos do pensamento, do sentimento e das ações.

A possibilidade de se criar um vínculo terapêutico adequado e eficaz também traz a possibilidade do confronto com questões limitantes ao crescimento pessoal e a oportunidade de resolver um passado, muitas vezes paralisante, que se atualiza na nova relação, tomando consciência do que lhe restringe, e, criando um novo modelo de funcionamento em direção à própria independência e autonomia.

Na psicoterapia, a relação psicoterapeuta-cliente passa por um processo constante de construção e reconstrução, assim conceitua Boadella (1982), em outras palavras, quando fala de “transferência, ressonância e interferência”. O psicoterapeuta deve estar atento para que o processo não sofra tantos contratemplos desnecessários, que impeçam o cliente evoluir no seu processo de crescimento pessoal, sem se destruir e nem deixar de ser cuidado, ao mesmo tempo, prestar atenção como o vínculo é construído. Kelemann

(1996) falando da transferência como “padrões de respostas musculares pelos quais o cliente vai se vincular ao terapeuta”, afirma também que “A relação terapêutica é um vínculo de atitudes motoras, musculares e expressões, bem como de sentimentos e contra-sentimentos” (p 78), e neste processo relacional acontecem os fenômenos da transferência e contratransferência, sempre numa tentativa de estabelecer uma conexão entre as partes.

Desta forma, trouxemos alguns aspectos da transferência e da contratransferência, como uma maneira de compreensão da dinâmica subjacente ao processo terapêutico, do mesmo modo, presentes como fontes de vantagens para o exercício de ajuda efetiva ao cliente nos seus processos de vida. Keleman (1996) diz que “Transferência e Contratransferência são formas de vínculo, formas de conexão, maneiras de criar comportamento” (p 79).

#### **4 – Firmando os Vínculos**

O vínculo seria a condição que pode favorecer a liberdade de expressar-se sem a exigência de se manter uma linha técnica de procedimentos e métodos, apenas a relação pode ser curativa. Segundo Boadella, em seus cursos e treinamentos, sempre afirma que: “o que cura é a relação”, desde que se consiga acolher e compreender as razões que impulsionaram o cliente chegar à terapia, numa forma de contato que carece de uma escuta amorosa do terapeuta associada à uma adequada intervenção.

Podemos dizer que o contato é uma ponte como o fio capaz de transformar a relação terapêutica num espaço de confiança e “ressonância”. David Boadella (1982) em “Estabelecendo Vínculos” discorre sobre a ligação entre cliente e terapeuta, numa tentativa de fundar um bom vínculo a partir de uma relação ressonante, diz:

“Se as necessidades emocionais da criança se deparam com uma expressão emocional contraditória por parte de seu pai ou de sua

mãe – temos um padrão de interferência. Um crescimento saudável, não neurótico, é essencialmente um padrão de ressonância” (p 85).

São nos primeiros contatos mais íntimos com os pais que a criança desenvolve o vínculo afetivo, uma relação construída nas contradições da própria relação que vão dar num “padrão de interferência” (Boadella, 1982). O contato se dá na própria interferência que se cria entre simples expressões, mas não menos profundas, de sentimentos íntimos manifestados por gestos, ou pelo jogo da fisionomia, mostrados pelo olhar, a fala, o toque e na escuta presente nesta interação.

### **5 – Distorções no Contato: uma quebra no Vínculo**

Segundo Boadella (1982), “o que complica é que, no contato entre cliente e terapeuta, ocorrem padrões de interferência lutando com padrões de ressonância”, e é desse “*modus faciendi*” que estamos tratando aqui, ou seja, a ação dos pais sobre os filhos, diante de certas circunstâncias, é que vai determinar o modo de vínculo nesta relação. Boadella (1982) explica que:

“Outra forma de traduzir “padrão ressonante” é falar de vínculo entre duas pessoas, tanto entre a criança e seus pais, como entre dois adultos trabalhando juntos para solucionar um problema, uma dificuldade. Quando falamos de “padrões de interferência”, estamos falando de distorções nesse vínculo, de bloqueios no vínculo ou de pseudovínculos” (p 86).

O que é distorcido entra como interferência no contato, como diz Boadella (1982) quando fala dos “extremos de distorções que afeta o padrão de ressonância, com um superenvolvimento ou um superdistanciamento”, e aproveitando este conceito podemos dizer que, na maioria das vezes, fazemos críticas ou damos ordens à nossas crianças em função de um comportamento apresentado por elas, sem a compreensão do que de fato a

criança está nos comunicando, por um lado. É nessa condição que fica registrado como uma impressão negativa, de uma inadequação vestida como um mau comportamento, e isso vai resultar na sensação de ficar arrebatado, realmente, como uma criança de má índole. Por outro lado, a permissividade simbiótica, sem os limites adequados, permite a criança usar a relação com os pais como forma de barganha para garantir uma aproximação afetiva, que não condiz com a real necessidade da criança. Podemos perceber, desse modo, que os pais ou estão próximos demais dos seus filhos, ainda com muito apego, ou estão distantes demais, sem prestar atenção nas necessidades ou no que de fato está acontecendo.

## **6 – Suporte Terapêutico numa Presença Dupla**

O cliente quando busca a terapia está buscando, acima de tudo, ser amado pelo terapeuta com toda a integridade afetiva, que lhe possa dar garantia de que ali ele pode relaxar, ele pode ser do jeito que ele quiser e ser tocado pela alma e coração deste suporte terapêutico, e não estamos falando de uma licenciosidade de que tudo pode, mas de um contato profundo, de compaixão, que reconhece suas reais necessidades. Neste sentido, cito novamente Boadella, quando diz que “o terapeuta precisa ter a capacidade de estabelecer contato, mas também de recolher-se em si mesmo” (p 88). Ter a presença na relação sem deixar se inundar, sem o encantamento do que é colocado e ao mesmo tempo estar implicado num sentimento de compaixão, ou seja, sua própria natureza em prontidão com a natureza do cliente, sem se perder no que está acontecendo. Citando ainda a mesma linha do pensamento de David Boadella (1982):

“A capacidade de estar consigo e também de sair e estar com outras pessoas de maneira real, e depois retrair-se e procurar por sua própria vida é essencial para criar o processo de ressonância” (p 88).



## **7 – Restabelecendo o Vínculo numa Conexão Ressonante**

O vínculo, dependendo dos padrões estruturados do caráter, pode ser muito frágil, constitui-se num fio tênue onde duas pessoas estão ligadas e conectadas. O psicoterapeuta deve estar atento, pois o menor deslize sentido como uma falha ou falta no cuidado, por exemplo, pode comprometer a relação, estacionando o processo ou levando o cliente a resistir, num esquema de defesa que pode levar ao abandono da terapia ou conduzindo-o ao descrédito da relação terapêutica caminhando à lugar nenhum.

Para restaurar essa conexão se faz necessário reestabelecer uma sintonia onde o terapeuta pode reparar a falha ou falta no contato com o cliente. Assim, no trabalho com a Biossíntese, vamos procurar estabelecer uma forma de modulação, que segundo Boadella (1982, p 86) consiste na tentativa de que a ressonância se liberte da interferência.

Na ação de tocar o cliente com a sonorização da voz, presença e tato, poderemos acrescentar algo aos gestos, expressões e/ou movimentos da pessoa, que possa construir uma “ressonância” com a capacidade de restabelecer e reintegrar as emoções advindas dos sentimentos mobilizados, a partir do que está trazendo à sessão de terapia. É a possibilidade de um encontro mais genuíno, capaz de trazer a compaixão pelo outro. Segundo Safra (2005), “a ação que encontra o outro devotado se humaniza e se transforma em gesto” (p 99). Neste processo de troca, a presença do terapeuta qualifica a relação e fomenta a constituição do sujeito para se reconhecer e agir no mundo.

Gilberto Safra (2005) falando da força motriz que possibilita ao bebê o uso da musculatura, como meio para a ação criativa, diz que:

“em condições favoráveis, o bebê cria o mundo através de seu gesto, ao mesmo tempo em que cria a si mesmo, possibilitando iniciar o processo de personalização. O gesto cria o objeto, mas cria concomitantemente o braço ou qualquer outra parte do corpo implicada na ação criativa. Abre-se também a própria capacidade de vir a conhecer o outro e o mundo. Um único gesto se desdobra

em desvelamentos de diferentes registros do *self* e do mundo. O gesto inaugura o criar, o conhecer e o amar” (p 102).

Neste sentido, restabelecer uma conexão implica em permitir a natureza da ação do cliente criando seu próprio movimento para conhecer ou “reconhecer” a presença do outro, como possibilidades de uma comunicação possível de produzir o gesto, a expressão, e a sonorização da voz, numa única melodia cantada agradavelmente com o arranjo composto pelas condições favorecidas na relação cliente e terapeuta.

Keleman (1996, p 78) também diz que “a relação terapêutica é um vínculo de atitudes motoras, musculares e de expressões” funcionando como padrões somáticos do cliente e do terapeuta, e assim também se dá a transferência como possibilidade do cliente se vincular ao terapeuta. Quando fala das diferenciações entre as abordagens afirma que:

“A terapia somática considera os gestos corporais e as expressões motoras como o verdadeiro espelho de sentimentos e necessidades. A interação das posturas somático-emocionais e gestos entre terapeuta e cliente é o que estabelece o vínculo” (p78).

Então, se faz necessário uma boa observação e um bom *feeling*, que traga possibilidades de uma boa leitura do clima e da compreensão dos fenômenos de projeção envolvidos. O terapeuta, ao se dar conta do que está impedindo o livre fluxo do processo com o cliente, pode se utilizar da sua criatividade para restaurar o campo do contato estabelecido antes ou criar um novo campo terapêutico seguro.

## **8 – Transicionalidade e Integração**

Assim como o bebê, na origem da sua constituição, precisa da mãe, num processo de “vir-a-ser” para se constituir e poder alcançar sua integração, atravessa várias etapas no seu desenvolvimento emocional numa “espécie de plano para a existência” (Winnicott,

1983). Ainda, segundo Winnicott (1990) a integração exige uma continuidade do indivíduo para poder atingi-la, e neste sentido afirma:

“À medida que o self se constrói e o indivíduo se torna capaz de incorporar e reter lembranças do cuidado ambiental, e portanto de cuidar de si mesmo, a integração se transforma num estado cada vez mais confiável” (p 137)

Também o terapeuta carece de aprender e saber lidar com esses aspectos psicodinâmicos do cliente, que se apresentam como necessidades de reconhecimento e cuidados. Quero trazer aqui, como função terapêutica, o uso de alguns recursos capazes de trazer de volta o contato e poder restituir o vínculo que foi prejudicado. Como já disse antes, tocar o cliente com a voz, o gesto, o tato ou o uso de algum objeto, e sobretudo a presença, exige sensibilidade e disponibilidade para criar e ser espontâneo no jogo que se conduz, na dupla cliente-terapeuta, em direção ao que poderíamos considerar de uma transição acontecendo num ambiente favorável como condição de brotar uma significativa interação entre os dois, que possa ajudar a sustentar o processo terapêutico, este é o lugar do “espaço potencial” (Winnicott, 1970) onde se desenrola a criatividade espontânea. Qualquer atividade pode ser inserida como um recurso, desde que tenha um colorido pessoal e o sentimento de estar presente, do mesmo modo a função de objeto reparador do contato. A alusão aqui pretendida, é mostrar uma configuração atualizada dos registros da dinâmica transferencial e contratransferencial num modelo dialógico capaz de inventar um novo, no qual possa se manifestar uma produção conjunta, onde os protagonistas se utilizam do objeto e do espaço de transformação ali desenhados por eles (terapeuta e cliente).

Winnicott quando fala de “Objeto Transicional” mostra a relação com o objeto identificado num brinquedo, numa fralda, ponta de um lençol ou cobertor, guardanapos

ou lenços, ou até em outros objetos aqui não citados, que é um modo da criança se relacionar com o ambiente. Os fatos, trazidos como exemplo, revelam o bebê se utilizando do dedo polegar na boca enquanto os outros dedos podem acariciar a face, então coloca o polegar na boca e com a outra mão segura um objeto levando-o também à boca, que pode ser um pano ou um lençol, desta forma os objetos são levados à boca e juntos estão os ruídos, a balbúciação e alguns sons sem significado. Na verdade, poderíamos dizer que isto é o início da emissão de sons, numa melodia única, como notas musicais sonorizadas que trazem, também, a ternura da criança. Estamos falando de uma transição do objeto de amor para um objeto relacional, chamado por Winnicott de “Objeto Transicional”, é a posse primeira de algo especialmente adotado pelo bebê e que está carregado de significados, símbolos e valor. No setting terapêutico o equivalente pode ser também o uso de algum objeto, a voz, a presença e o contato (com-o-tato). Podemos lançar mão destes recursos, como já citados, com o propósito de ajustar e estabilizar a comunicação neste espaço, numa tentativa de recriar os laços afetivos, a proximidade deste encontro tão singular e necessário para a relação e o desenvolvimento do trabalho clínico.

Em se tratando de transicionalidade no espaço potencial da terapia, a fala e a voz também funcionam como “objeto transicional”, num *quantum* de uma experiência singular e exclusiva da relação terapêutica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante estes anos de trabalho, desde a primeira experiência com grupos numa instituição financeira, me intrigava descobrir e saber mais a respeito da confiança e do vínculo como formas de contato possível para os relacionamentos. Curiosamente fui procurando descobrir e conhecer sobre o tema que, de alguma forma me fascinava. Cada

vez mais tenho a certeza que o que vincula um ao outro é a garantia de poder confiar na empatia como base de um contato eficaz.

Mostrar a grande importância do vínculo na relação terapêutica foi o que motivou discorrer a respeito dos primeiros contatos íntimos com os pais, sobretudo da relação primitiva da mãe-ambiente com seu bebê, como forma de assentamento num solo aprofundado de presença, favorecendo a própria existência e o contato com o *self*, condição primordial para se conhecer, conhecer o outro e conhecer o mundo. Também de igual importância foi compreender a dinâmica da natureza somática na transferência e contratransferência, como forma de se vincular numa busca ressonante o tempo todo. O vínculo terapeuta-cliente passa pela confiança e pela crença de que se pode contar com o outro que ouve, que dar suporte e que ajuda a pessoa a dar passos na vida, é um encontro de acolhimento que possibilita contar com esse outro.

O sentido deste trabalho está na síntese da compreensão de uma aliança terapêutica, a partir do uso da linguagem não verbal, acontecendo na relação com a voz, o gesto, o tato, a presença e o uso de algum objeto, possível de trazer uma experiência única na psicoterapia.

Uma vivência foi realizada em vários momentos, e comprova a importância do vínculo afetivo para as relações, desde os primeiros depoimentos ainda lá na instituição financeira até hoje em Workshops, e mesmo nos atendimentos individuais.

Escrever sobre esta experiência tem um significado especial, sob o ponto de vista de poder fazer a associação das ideias e pensamentos dos vários autores importantes, dando a garantia de que, nas relações somente o vínculo é capaz de transformar o contato.

Olhando para o nosso passado, ainda criança, o que será que precisávamos ouvir para nos sentirmos amados, tocados e sermos mais felizes, mais harmoniosos? Talvez aqui caiba uma reflexão das nossas ações como pais, em detrimento do que recebemos

como filhos, em dizermos o quanto os amamos, o quanto qualificamos os pontos positivos por eles apresentados, que qualidades têm, quanto os respeitamos na sua individualidade, e, por fim, os limites necessários nessa construção desse sujeito, tudo com presença, honestidade e sensatez, ou seja, olhar, ouvir e tocá-las com carinho. Quem sabe seja essa a verdadeira comunicação que precisa ser feita, como uma possibilidade de se criar um laço capaz de manter um vínculo afetivo reparador. Neste sentido, como psicoterapeutas, as nossas ações estão coadunadas com esse propósito? Será que estamos prontos para receber o nosso cliente e acolhê-lo adequadamente, como um pai ou uma mãe deve acolher os seus filhos?

Posso concluir que, o nosso trabalho é tão exigente quanto importante para uma compreensão das necessidades do cliente em ser respeitado na sua condição, ser amado e afetado, num processo de ajuda e busca para o próprio conhecimento, se tornando uma pessoa cada vez melhor. Esse é o propósito!

## **REFERÊNCIAS:**

BOADELLA, David. – **Correntes da Vida**: uma introdução à biossíntese, Summus, São Paulo, 1992.

\_\_\_\_\_. – **Transferência, Ressonância e Interferência**, Cadernos de Psicologia Biodinâmica, vol. 3, Summus, São Paulo, 1983.

DAVIS, Madeleine e WALLBRIDGE, David. – **Limite e Espaço**: uma introdução à obra de D.W. Winnicott, Imago, Rio de Janeiro, 1982.

KELEMAN, Stanley. – **Corporificando a Experiência**: construindo uma vida pessoal, Summus, São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. – **Amor e Vínculos**, Summus, São Paulo, 1996.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. – **Teoria do Vínculo**, Martins Fontes, São Paulo, 1998.

SAFRA, Gilberto. – **A Face Estética do Self**: teoria e clínica, Idéias & Letras, Aparecida-SP, Unimarco, São Paulo, 2005.

WINNICOTT, Donald Woods. – **A Família e o Desenvolvimento Individual**, Martins Fontes, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. – **Natureza Humana**, Imago, Rio de Janeiro, 1990.

\_\_\_\_\_. – **O Ambiente e os Processos de Maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional, Artmed, Porto Alegre, 1983.

\_\_\_\_\_. – **O Brincar e a Realidade**, Imago, Rio de Janeiro, 1975.

\_\_\_\_\_. – **Tudo Começa em Casa**, Martins Fontes, São Paulo, 2005.